

Quarteto Quíron

11 Abr 2023

19:30 Sala 2

Edgar Gomes violino
Ricardo Vieira violino
José Miguel Freitas viola
Maria Nabeiro violoncelo

PRÉMIO NOVOS
TALENTOS AGEAS

Leoš Janáček

Quarteto de cordas n.º 1, “A Sonata Kreutzer”

(1923; c.18min)

1. Adagio con moto
2. Con moto
3. Con moto — Vivace — Andante — Tempo I
4. Con moto

José Vianna da Motta

Quarteto de cordas n.º 2, em Sol maior (1895; c.16min)

1. Allegro vivace
2. Adagio: “Cena nas Montanhas”
3. Presto

Felix Mendelssohn

Quarteto de cordas em Fá menor, op. 80 n.º 6

(1847; c.25min)

1. Allegro vivace assai
2. Allegro assai
3. Adagio
4. Finale: Allegro molto

Leoš Janáček (1854-1928) foi influenciado pelas tendências nacionalistas que marcaram a música europeia na transição entre os séculos XIX e XX. Procurou, assim, uma linguagem baseada na cultura popular nacional, contrariando o domínio dos estilos oriundos da Europa central. Trabalhou, desde 1888, na recolha de música tradicional da sua região de origem, a Morávia, então parte do império austríaco. A pesquisa de expressões e entoações populares conduziria ao uso, na sua música, de ritmos e cadências da fala, particularmente em obras com uma forte componente vocal, como é o caso das óperas. A assimilação destas fontes foi a base para construção de uma linguagem profundamente pessoal, em que o elemento folclórico não se resume a um traço de exotismo, mas assume-se como a raiz fundamental da expressão musical.

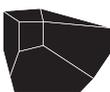
Os dois quartetos de cordas de Janáček revelam-se um meio para a expressão de paixões e do pulsar da vida, desafiando uma forma considerada entre as mais puras da música. Ambos foram escritos na fase final da sua vida — o primeiro em 1923, o segundo em 1928 — e neles se encontram muitas das ideias que desenvolveu para a música vocal. O Quarteto n.º 1 é inspirado no curto romance *A Sonata Kreutzer* (1889) de Lev Tolstói que, através de um diálogo

desenvolvido ao longo de uma viagem de comboio, revela não só o crime passionai cometido por um dos passageiros, como os seus pensamentos obscuros e pessimistas sobre o amor. A presença da *Sonata Kreutzer* de Beethoven neste romance surge enquanto a peça que a mulher assassinada, pianista, toca com o seu presumível amante, violinista: “E há entre eles o vínculo da música, a mais esperada volúpia dos sentimentos. O que o pode conter? Nada. Pelo contrário, tudo o atrai. E ela? Mas quem é ela? Como antes, continua a ser um enigma para mim. Conheço-a apenas como animal. Ora, nada pode nem deve conter um animal.” Depois, o peso das complexidades da vida emocional do próprio Janáček. Casado, vive desde 1915 uma paixão platónica por uma mulher muito mais jovem e também casada, que não lhe corresponde aos sentimentos mas se torna a sua musa inspiradora. As mais de 600 cartas que Janáček lhe dirige estarão na origem do seu Quarteto n.º 2, intitulado “Cartas Íntimas”. Escrevendo sobre o Quarteto “A Sonata Kreutzer”, o compositor revela como se centrou mais no ponto de vista da mulher do que Tolstói, procurando descrever a violência e os tormentos emocionais que a atingem enquanto luta pela sua realização pessoal.

FERNANDO PIRES DE LIMA, 2023

Pianista, compositor e pedagogo, **José Vianna da Motta** (1868-1948) pode ser considerado o primeiro compositor nacionalista português e o fundador de uma escola interpretativa que se prolongou durante o século XX, tendo formado uma geração de pianistas portugueses. Depois de ter estudado no Conservatório Nacional, instalou-se em 1882 em Berlim, onde estudou composição. Frequentou primeiro o recém-fundado Conservatório Scharwenka, tendo tido como professor, entre outros, Xaver Scharwenka, e na mesma cidade recebeu aulas privadas de piano e de composição de Carl Schaeffer, membro da Sociedade Wagneriana.

O primeiro andamento do Quarteto em Sol maior foi localizado pela cantora Elvira Archer, especialista na figura e na interpretação da música de Vianna da Motta, no ano do cinquentenário do falecimento do compositor. Encontrava-se no espólio do violinista Bernardo Moreira de Sá, com quem o compositor e pianista teve uma frutífera relação. Tinha estado, até então, em paradeiro desconhecido, sendo porém conhecidas duas peças para cordas que tinham sido publicadas sob o título *Cenas da Montanha* e que resultaram ser os andamentos segundo e terceiro deste Quarteto. A obra foi estreada pelo Quarteto Moreira de Sá em 1895, pelo que parece que a sua composição foi contemporânea de obras como as *Rapsódias Portuguesas*, as *Cenas Portuguesas* e a *Sinfonia*



casa da música

MECENAS PRÉMIO NOVOS
TALENTOS AGEAS

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

GRUPO
ageas
portugal

REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

BPI

Fundação “la Caixa”

à *Pátria*. Na sua correspondência com Lopes-Graça, de facto, identificou-a como tendo sido escrita nos Açores sob a inspiração da música ouvida na ilha de São Miguel, onde permaneceu uma temporada. O primeiro andamento, em forma sonata, apresenta material temático cujo perfil principalmente rítmico nos introduz no ambiente bucólico que é explicitamente explorado nos dois andamentos subsequentes através da alusão à música regional portuguesa. Esta é usada enquanto material temático e rítmico, como citação e também como inspiração de música — à moda popular —, integrando-se solidamente nas convenções quartetísticas da época. Não se trata, portanto, de um mero *pot-pourri* de carácter rapsódico, mas de uma obra na qual se tenta retratar, de forma amável e nostálgica, a vida na natureza.

TERESA CASCU DO, 2014

Apesar da vida breve, **Felix Mendelssohn** (1809-1847) foi capaz de construir uma obra extensa e uma carreira bem-sucedida como maestro. Aos 13 anos começa a publicar a sua música e aos 20 já são conhecidos três quartetos com piano, um ciclo de canções, a 1.ª Sinfonia em Dó menor, o significativo Octeto para cordas e a famosa abertura *Sonho de Uma Noite de Verão* para orquestra.

A composição do Quarteto de cordas em Fá menor surge numa altura particularmente pesada da vida de Mendelssohn. A notícia da morte da sua irmã Fanny chocou-o profundamente, levando-o a retirar-se com a sua família para a Suíça. A dificuldade em compor prevaleceu durante grande parte desse período, em que pintou e esboçou algumas peças musicais que ficaram incompletas. Mas daí emergiu o Quarteto em Fá menor que, ao regressar a Leipzig, mostrou ao pianista e compositor Ignaz Moscheles. Este identificou na obra um sentimento sombrio, notando que “os quatro andamentos estavam em Fá menor, tom que acusava em especial a tristeza da sua alma. Ele pareceu sair de um transe: sim, respondeu, eu nem sequer me tinha apercebido disso!” Muitas vezes considerado um “Requiem” por Fanny Mendelssohn, trata-se sobretudo de um lamento agoniado e impotente perante a morte que, pouco depois, viria buscar o próprio Felix, a 4 de Novembro de 1847. O Quarteto seria estreado precisamente no primeiro aniversário da sua morte pelo célebre violinista Joseph Joachim, em Leipzig.

FERNANDO PIRES DE LIMA, 2023

Quarteto Quíron

Assim como o seu nome, que provém da mitologia grega, mais precisamente da figura de um centauro representante de sabedoria e de arte, o Quarteto Quíron procura o mais profundo conhecimento da formação de quarteto de cordas e da arte da sua apresentação ao público. Formado em 2020 por músicos diplomados por algumas das melhores faculdades da Europa, já se apresentou em países como Portugal, França, Bélgica, Holanda e Suíça, e em diversos festivais — Festival Internacional de Música de Câmara de Poitou (França), Música em Si Maior, A Corda Caminhos Conjuntos, Storioni (Holanda), Blaricum (Holanda) e Crans-Montana Classics (Suíça). Trabalhou em masterclasses com Eberhard Feltz, Mathieu Herzog, Clive Brown, William Coleman, Guy Danel, António Saiote, Joseph Kluson e o Quarteto Van Kuijk. Frequenta a Nederlandse

Strijkkwartet Academie (NSKA), onde trabalha regular e intensivamente com o Quarteto Danel, e o Conservatório Real de Bruxelas em regime de pós-graduação em Música de Câmara/Quarteto de Cordas, sob a orientação de Eric Robberecht e Tony Nys.

Edgar Gomes (violino) concluiu um mestrado *magnum cum laude* pelo Conservatório Real de Antuérpia, enquanto bolseiro da Fundação Gulbenkian. Durante os anos de formação, colaborou com orquestras como a Sinfónica do Porto Casa da Música e a Sinfónica da La Monnaie, e foi academista da Sinfónica de Antuérpia na temporada 2018/19. Deu concertos em Portugal, Brasil, Bulgária, França, Suécia e Bélgica. Integra, desde 2021, a Orquestra de Câmara da Bélgica — CASCO Phil. Como membro de um grupo de música de câmara, foi segundo classificado no Prémio Jovens Músicos e participou numa digressão por Portugal e Brasil. Realiza concertos e masterclasses na Bulgária, na Bélgica e nos Países Baixos com o Ensemble Silakbo, contando com o apoio do Conselho das Artes do Canadá. Toca um violino François Caussin de 1860.

Ricardo Vieira (violino) é mestre pela Haute École de Musique de Genève e pelo Conservatório Real de Bruxelas. Como solista, foi laureado no Concurso Nacional Capela e no Concurso Internacional Cidade do Fundão. Membro da Orquestra de Câmara da Bélgica — CASCO Phil, colabora frequentemente com a Orquestra Nacional da Bélgica, a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra de Câmara Portuguesa, a Orquestra Filarmónica Portuguesa, a Orquestra XXI e o Young Belgian Strings, e foi concertino na Orquestra de Jovens do Mediterrâneo. Na sua experiência de música de câmara destaca-se a actividade regular com o Trio EnSuite (Portugal) e o Quatuor Salève (Suíça), assim como a participação no Festival de Música de Câmara Aurora (Suécia). Toca um violino François Caussin de 1850.

José Miguel Freitas (viola) é mestre com *grootste onderschreiding* (grande distinção) pelo Conservatório Real de Antuérpia, enquanto bolseiro da Fundação Gulbenkian, e pelo Royal College of Music de Londres, enquanto bolseiro da *Houston Family Scholar supported by a Lucy Ann Jones Scholarship*. Foi laureado em duas edições do Concurso Nacional de Cordas Vasco Barbosa e no Concurso Paços Premium. Foi academista da Sinfónica de Antuérpia na temporada 2019/20 (com a qual mantém actividade enquanto reforço), é membro da Orquestra de Câmara da Bélgica — CASCO Phil e colabora com a Filarmónica de Bruxelas. Na sua experiência de música de câmara, destacam-se concertos com o Trio Fidelio no Reino Unido, o Ensemble RARO na Bélgica, os Solistas da Orquestra XXI em Portugal e Marc Danel no Tivoli Vredenburg (Holanda). Toca uma viola Stephan Jarosz de 2017.

Maria Nabeiro (violoncelo) é licenciada e mestre pelo Conservatório Real de Haia. Participou em diversos festivais, dos quais se destacam o Festival Gergiev, o NJO Muziekzomer Gelderland e o Festival Internacional de Música de Câmara de Schiermonnikoog (Países Baixos), o Festival de Música de Câmara Aurora (Suécia) e o Festival a Poitou (França). Foi laureada nos Concursos Cidade do Fundão, Cidade do Estoril e Vasco Barbosa. Foi membro da Orquestra Nacional de Jovens da Holanda e da Orquestra de Jovens da União Europeia, e colabora com a Orquestra Filarmónica Portuguesa, a Sinfónica de Antuérpia e a Orquestra XXI. Foi academista do ASKO|Schönberg Ensemble e do New European Ensemble. Toca um violoncelo Giullio Deganni de 1920, cedido pela Fundação Nacional de Instrumentos Musicais da Holanda (NMF).